

Discurso do Presidente Sr. Deputado Saraiva Felipe:
Cumprimento os membros da Mesa na pessoa do seu
Presidente e saúdo a todos os presentes,

O mundo contemporâneo não pode mais ser qualificado adequadamente como em constante mutação, pois é a própria velocidade da mudança que cresce exponencialmente. Podemos olhar para trás e lembrarmos-nos da época em que os filhos estudavam nos livros dos pais que, muito provavelmente, estudaram nos livros dos avós. Mas na sociedade de hoje, que Henry Jenkins, professor estadunidense do MIT, denominou de cultura da convergência, na qual os aprendizes não são passivos usuários do conhecimento, mas ativos produtores de informação, um livro pode se tornar desatualizado antes mesmo que as prensas concluem o seu acabamento físico.

O desafio dos educadores de hoje é ensinar os alunos a aprender, a gerir a gama de conhecimentos que é produzida contínua e diariamente, e serem eficientes num contexto em que o aprendizado acontece por meio de

ações continuadas, que não se limitam mais às oportunidades compartilhadas pelo professor dentro da sala de aula tradicional.

Estima-se que hoje uma criança que chega à primeira série do ensino fundamental já tenha assistido a 5 mil horas de televisão, nas quais foi exposta a todo tipo de conteúdo e estímulo, com efeitos e trilhas sonoras constantemente cativando sua atenção. Dificilmente essa criança se sentirá atraída por um professor que em tom monocórdio inicia a lição de costas para a turma escrevendo com um pedaço de giz branco numa lousa negra.

Diante do fato inafastável de que nossos alunos não são mais os mesmos, não podemos continuar dando aulas da maneira como fazíamos no século passado, pois é notório que não está dando certo. Corremos o risco de sermos como a mosca que insiste em negar a existência da vidraça à sua frente. Será que teremos a humildade de reconhecer que ao invés de vinte anos de aula estamos dando a mesma aula por vinte anos?

A Dra. Luciana Maria Allan, especialista da USP em tecnologias aplicadas à educação, nos alerta que “preparar os estudantes desta nova geração para o mercado de trabalho irá exigir – e já está exigindo – uma nova postura dos educadores orientada para a Sociedade do Conhecimento, que, entre outros princípios: busca desenvolver alunos engajados, motivados e prontos para enfrentar os desafios de hoje e do futuro; enxerga o aprendizado como uma ação continuada, que não se restringe às oportunidades apresentadas pelo professor; acredita que o aprendizado é para todos e ninguém deve ser excluído; reconhece que as pessoas aprendem de forma diferente; e provê uma infraestrutura necessária para o aprendizado, que ainda é físico, mas cada vez mais virtual”.

O embrião da Internet foi a ARPANET, na década de 1960. A primeira conexão foi estabelecida entre a Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e o Instituto de Pesquisa de Stanford, às 22h30 do dia 29 de outubro de

1969. Naquela época, mesmo os mais visionários achariam impossível que tivéssemos um computador potente dentro do bolso do paletó. As possibilidades hoje são incalculáveis. Evoluímos tanto, mas quanto desse progresso trouxemos para a sala de aula? Peter Drucker denunciava que “o primeiro professor da história se sentiria perfeitamente em casa na maioria das salas de aula do mundo de hoje. Além do quadro-negro e do livro impresso houve pouca mudança nos meios de ensino e nenhuma nos métodos. A única tecnologia introduzida nestes oito mil anos foi o livro impresso, que poucos professores sabem usar – se o soubessem, não continuariam expondo o que já está nos livros”. A crítica de Drucker continua válida, com a ressalva de que algumas salas de aula introduziram computadores, que ainda permanecem com a tomada desligada durante as aulas.

Marc Prensky, da Harvard, denominou os indivíduos nascidos após o ano de 1983 de nativos digitais. Aqueles que, como eu, nasceram antes de 1983 são os chamados

“emigrantes digitais”. Somos, com muita honra, a Geração X, que aprende preferencialmente com texto e secundariamente com som e imagem. Isso se inverte para as gerações Y e Z, cuja comunicação primária se dá por som e imagem e, por último, o texto. Esse ruído na comunicação entre essas gerações dentro de uma sala de aula pode ser fonte de muita ansiedade, desentendimento, e, muitas vezes, até agressão física, de ambos os lados.

É claro que muitos integrantes da geração X migraram para a era digital. Todavia, muitas instituições de ensino, talvez a maioria, continuam unicamente com processos analógicos dentro dos ambientes de ensino e aprendizagem, embora muitas vezes disponham no prédio escolar da presença de computadores e de acesso à rede.

É agudo, mas necessário, o alerta de Maquiavel para quem não há nada mais difícil de se empreender, mais perigoso de se conduzir, do que assumir a liderança na introdução de uma nova ordem de coisas, porque a inovação terá como inimigos todos aqueles que têm se

dado bem sob as antigas condições, e defensores indiferentes naqueles que podem se sair bem sob as novas. Parece até que Maquiavel estava falando do atual estágio de transição pelo qual estamos passando. Ainda há muito espaço para avançarmos. Do que adianta uma escola ter uma rede “Wi-fi” de banda larga se proíbe ao aluno ingressar na sala de aula com um Tablet?

Também não podemos cair no raciocínio simplista de achar que a simples introdução de computadores e banda larga nas escolas irá elevar a qualidade da educação. É preciso um projeto pedagógico em consonância com as tecnologias digitais, é preciso professores abertos e capacitados para usarem os recursos disponíveis, é preciso, enfim, o engajamento de toda a comunidade educativa.

Ainda estamos no jardim da infância na implantação de plataformas adaptativas, que manuseiam dados do usuário – como acertos e erros, tempo em que permanece em cada tipo de mídia (texto, vídeos, áudio, games etc),

efetividade da aprendizagem em assuntos diferentes – o próprio conteúdo vai se moldando ao que o aluno necessita aprender, além de detectar deficiências e lacunas na sua formação e possíveis trajetos para a sua resolução.

Que nos debates de hoje possamos amadurecer as propostas para que as escolas sejam mesmo conectadas, não somente com a internet, mas com as suas vocações de viabilizarem a cada pessoa expressar o seu potencial na sociedade.

A Comissão de Educação está e estará sempre disponível para acolher sugestões que possam ser melhoradas na legislação, a viabilizar os debates, como o faz agora, em parceria com a **Fundação Lemman**, com o **Instituto Inspirare** e com o **Instituto Península**, também históricos defensores e promotores de uma educação de qualidade para todos e todas. Ótimo Seminário! Muito obrigado.